

PERALTA, Elsa; DOMINGOS, Nuno (eds.) (2023). *Legacies of the Portuguese Colonial Empire: Nationalism, Popular Culture and Citizenship*. London, New York, Oxford, New Delhi, Sydney: Bloomsbury, 411 pp., ISBN: 978-1-3502-8979-6.

Legacies of the Portuguese Colonial Empire: Nationalism, Citizenship and Popular Culture, livro editado por Elsa Peralta e Nuno Domingos, encontra-se dividido em 12 capítulos e conta com a contribuição de 13 autores, entre os quais os editores. A obra oferece uma análise crítica da presença, por vezes não reconhecida, de legados imperiais em várias áreas da sociedade portuguesa contemporânea, com especial foco na cidade de Lisboa. A capital portuguesa, explica Peralta, é evidenciada por condensar no seu espaço público, de forma mais expressiva, uma complexa inscrição de memória alusiva ao império, operando como uma síntese simbólica da identidade nacional e assim oferecendo um observatório privilegiado para investigar as complexidades da composição e divulgação dessas memórias públicas.

Contributo de grande valia, o prefácio escrito por Benoît de L'Estoile transporta o leitor às origens da obra num dos seus programas de investigação sob perspetiva de uma *anthropology of colonial legacies*. Tal informação permite uma análise da evolução dos estudos do campo e também possibilita observar mais de perto um caso específico, como Lisboa.

Para alcançar os seus objetivos, com a profundidade que lhes é devida, o livro ordena os seus capítulos ao longo de três grupos temáticos, cada um com foco numa área específica da vida portuguesa onde é possível encontrar heranças, nem sempre tão visíveis, dos legados coloniais. Assim, a formar uma sequência gradativa, a análise inicia-se no cerne do império, explorando as suas fundações. Em seguida, dirige o foco para a sociedade e os espaços citadinos, contextualizando-os numa fase mais madura. Por fim, culmina no exame das relações sociais e culturais vigentes, entendidas como consequência dessa trajetória histórica.

A primeira parte *Empire, Nation, and Memory Politics* é um convite a examinar a composição de uma memória pública sobre o império português, pois esta faz parte de um processo ativo de afirmação discursiva através de meios políticos e institucionalizados. Este esforço está presente na criação de comemorações, topónimos, estátuas e monumentos, expressando um processo simbólico de inscrição de uma memória, muitas vezes mitificada, do império e da identidade nacional. É destacado o papel fundamental do luso-tropicalismo como pensamento capaz de dar vida a esse projeto através da construção de uma identidade nacional singular. Essa teoria que dá o suporte teórico necessário

para a crença na excecionalidade do colonialismo português é exemplificada por Domingos através de dois casos: o primeiro, a biografia de Eusébio da Silva Ferreira, famoso futebolista nascido em Moçambique, que é frequentemente apresentado como um exemplo de sucesso individual no sistema colonial. Assim, através de uma narrativa de assimilação, reforça-se a ideia de que o colonialismo português era benevolente e proporcionava oportunidades para todos, ignorando as estruturas de poder coloniais e a exploração de recursos humanos. O segundo caso são as interpretações das obras arquitetônicas modernistas que os portugueses deixaram nas suas ex-colônias africanas. A visão da beleza e originalidade que se encontra na literatura formal sobre estas cidades coloniais, modernas e bem construídas, esconde a segregação e a violência que marcaram o sistema colonial mesmo depois da colonização.

Como uma espécie de introdução à secção seguinte, Nuno Oliveira examina como a diversidade cultural é incorporada no espaço urbano de Lisboa. A sua análise é principalmente baseada em mecanismos de governabilidade, ou seja, como a autarquia intervém na construção de narrativas e na implementação de políticas urbanas com o objetivo de promover a cidade. Essa campanha, geralmente com intenções turísticas e de bons investimentos, estetiza e instrumentaliza a diversidade cultural, mas, na prática, continua a silenciar as desigualdades e conflitos sociais existentes. Essa narrativa da *mistura* e do *cruzamento de mundos* é funcional, mas extremamente perigosa, pois funda as bases da identidade nacional num passado fragmentado e mítico de onde são selecionadas apenas as conquistas, sem nunca haver um real enfrentamento das realidades difíceis.

Interessa destacar que os autores, nessa parte, embora debruçando-se sobre aspetos mais conceptuais, dão ao leitor uma clara consequência contemporânea de todo o processo. É trazida a questão do turismo e da mercantilização do passado, tão latentes hoje em cidades centrais como Lisboa. Nesse sentido, os estudos de património aparecem como peça fundamental, seja como propaganda utilizada pelo Estado na promoção de uma narrativa ou mesmo como evidência material do império. A inclusão dessas novas problemáticas é de grande valia, pois, como afirma Peralta, embora levem a uma progressiva despolitização, ainda contêm a possibilidade de contestação e articulação de contra-memórias.

Na segunda secção, intitulada *Postcolonial Space, Work, and Citizenship*, a análise volta-se para a integração dos indivíduos que se deslocaram das antigas colônias para Portugal. Esta parte analisa as continuidades e descontinuidades da experiência histórica destes sujeitos pós-coloniais num ambiente onde são colocadas em evidência questões como identidade, pertença e cidadania. Embora após o 25 de Abril a democracia tenha introduzido mudanças, a desqualificação no trabalho e na educação, aliada ao racismo, coloca muitos

desses indivíduos numa posição de subordinação social. Empregos de baixa qualificação e a interação ambígua e frequentemente violenta com as instituições governamentais são indícios da continuidade das relações coloniais.

No capítulo de Ascensão, argumenta-se que a marginalidade, entendida aqui primordialmente no seu aspeto habitacional, era uma experiência comum até mesmo para os cidadãos portugueses que se deslocavam de outras regiões para a capital em busca de melhores condições. Os assentamentos, que mais tarde iriam configurar favelas habitadas em grande parte por imigrantes, foram locais de reunião de diversos grupos socialmente desfavorecidos e onde se pode observar diversas dinâmicas, como a etnicização e feminização do trabalho, discriminação social e racial e também uma solidariedade de classe. Posteriormente, a quebra dessas comunidades é exposta através da dispersão dessas populações em alojamentos estatais, que embora em melhores condições continuavam a afirmar a segregação.

Ainda nesta secção, os capítulos de Stevens e Frangela elegem as migrações cabo-verdiana e brasileira como exemplos da interação entre estrangeiros e locais com o meio em intensa transformação. Sobre o primeiro grupo são destacadas a língua crioula e a música como resistência e afirmação identitária em ambiente lusófono. Isso porque a lusofonia embora apresentada como um elo cultural comum que fortalece relações entre Portugal e os países de língua portuguesa, revela uma visão problemática por ignorar relações de poder pós-coloniais.

Por meio de um estudo etnográfico sobre a comunidade de imigrantes brasileiros, particularmente em Arroios, levanta-se o debate sobre representações forjadas no período imperial, que influenciam a maneira como esses indivíduos são vistos e como se percebem no novo ambiente. As interações sociais, muitas vezes caracterizadas por desigualdades e estereótipos, refletem legados coloniais.

Em *Popular Culture and Everyday Colonial Legacies*, terceira parte que contém os últimos quatro capítulos do livro, são exploradas as manifestações dos legados coloniais que por vezes podem passar despercebidas a plena vista: a cultura popular. Isso porque estar imerso num meio em constante movimento dificulta enxergar forças e influências. Para ser analisado a fundo, o dia a dia precisa de uma certa distância.

A obra, nesta parte, explora como as perspectivas cosmopolitas e multiculturais são utilizadas como veículos comerciais da retórica colonial, enquanto analisa as apropriações, negociações e subversões dessas mesmas heranças. Os autores e coordenadores parecem ter a preocupação de explorar aspetos diferentes de uma mesma manifestação, não como forma de apresentar uma visão final sobre as temáticas, mas de colocar os casos numa perspectiva comparada.

A rejeição do excecionalismo colonial português – apresentado como

uma criação propagandística do Estado Novo – é um tema central da obra, manifestando-se não apenas na terceira secção, mas em toda a sua extensão. O mesmo ocorre com a crítica à exploração da lusofonia, que pode ser observada no capítulo escrito por Rui Cidra. Este, mostra como esse conceito criado por Portugal para recuperar a sua grandeza imperial é apropriado e usado por músicos africanos que o reinterpretam para servir os seus próprios interesses. A contrapartida também acontece, como argumentam Bart Paul Vanspauwen e Iñigo Sánchez-Fuarros ao analisarem a seleção musical nos voos da companhia aérea portuguesa TAP. A análise visa compreender a perspetiva cultural lusófona empregada pela empresa e como as estratégias de *branding* corporativo alimentam as categorias culturais de *marketing*. Os autores defendem que frases, imagens e sons utilizados no marketing da TAP são instrumentalizados para construir, discursivamente, imagens culturais de afeto. Essa construção ocorre no contexto de uma lusofonia globalizada e mercantilizada.

Em suma, a obra apresenta toda a argumentação numa linguagem clara e acessível, tornando-a compreensível para um público amplo, incluindo aqueles sem conhecimento prévio aprofundado sobre a temática. A inclusão de um índice detalhado e interativo (tendo sido feita essa revisão a partir de uma versão digital) facilita a navegação pelos temas específicos abordados em cada capítulo. Também a disposição das referências bibliográficas ao fim de cada capítulo fornece um guia para pesquisas adicionais e exploração das fontes.

Importa destacar que o ponto forte do livro é a diversidade de perspetivas apresentadas por um grupo de diferentes áreas e ocupações, mas que debruçadas sobre a mesma temática proporcionam ao leitor uma análise abrangente, crítica e reflexiva. Além disso, a ênfase nas continuidades coloniais com foco na transição para a democracia, permite uma maior imersão na problemática por se tratar de questões políticas e sociais contemporâneas.

O livro é, de facto, um grande contributo para os estudos coloniais e dos legados imperiais. No entanto, seria de grande valia a publicação em língua portuguesa, não só para o público português, mas também das ex-colónias e os seus descendentes que são diretamente afetados por esses legados, pois como salienta Amílcar Cabral, a língua é um dos legados coloniais mais importantes.

LINDSEY DE OLIVEIRA CORRÊA

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras

lindseycorrea.loc@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8940-528X>

